

Fernando Tordo vem ao Teatro Baltazar Dias recordar José Carlos Ary dos Santos

“Nunca nos zangámos. As nossas conversas eram canções”

Aos 70 anos e com 54 de carreira, o músico lamenta só agora regressar a um palco madeirense. Após duas décadas de ausência, traz ‘As Histórias das Canções’ que fez com Ary dos Santos.

ENTREVISTA
Susana de Figueiredo
susanafigueiredo@jm-madeira.pt

Depois de vinte anos sem pisar um palco madeirense, Fernando Tordo está de regresso à Região para contar ‘As Histórias das Canções’, que criou em conjunto com José Carlos Ary dos Santos, poeta com quem manteve uma longa e intensa parceria ao longo de quase duas décadas. Em entrevista ao JM, por telefone, o cantor, que celebra, este ano, meio século de carreira, não escondeu o quão expectante está relativamente ao concerto que apresentará no próximo sábado, pelas 21h00, no Teatro Municipal Baltazar Dias, e só lamenta ter incorrido numa ausência tão prolongada.

“Custa-me um bocadinho ser cidadão deste país, ser artista profissional há 54 anos, e ter passado tantos anos sem ir a uma parte tão importante do meu país. Mas, pronto, vai ser agora!” [riso], disse, lembrando que a última vez que atuou na ilha foi no Centro de Congressos do Casino da Madeira, acompanhado de Carlos Mendes. Do Teatro Baltazar Dias, apenas conhece o exterior do edifício e, claro, o poeta que lhe empresta o nome, mas o entusiasmo por, ali, estar prestes a estreiar-se fá-lo ter ainda mais pressa de chegar. “Agrada-me atuar numa sala que é a mais emblemática da Madeira e que tem o nome de um grande poeta e dramaturgo, Baltazar Dias. Sinto um prazer redobrado, e espero que o público comparta e se divirta. Eu vou divertir-me imenso”.

“Fernando Tordo - As Histórias das Canções” é, na verdade, mais do que um concerto. Trata-se da narração e dissecação de um encontro que deu origem a uma geografia musical, literária, sentimental e até ideológica, que ainda hoje se

percorre e reconhece pelo âmagô, pela frente e pelo verso. “No sábado, vou falar da minha parceria com o Ary dos Santos, uma parceria célebre do nosso país [como sabe, não há muitas]. E o que vai acontecer no palco será uma coisa muito engraçada, porque, no fundo, vou desdramatizar as cantigas, que tendem a ser vistas como coisas muito complexas. Eu estive quase 14 anos sentado ao lado do Ary dos Santos, e é interessante recordar esse período, pois as peripécias são muitas e engraçadíssimas. Por outro lado, quando eu morrer, ninguém mais poderá contar estas histórias, até porque o nosso trabalho era muito isolado, muito feito a dois, só muito raramente havia outras pessoas presentes, e é, de facto, importante contar estas histórias, dar a entender o que era o nosso trabalho”.

Primeiro nasciam as músicas, compostas por Fernando Tordo, e era sobre estas que, depois, Ary dos Santos escrevia as letras. Deste diálogo brotou um vastíssimo e imortalizado repertório, do qual fazem parte canções como ‘Cavalo à solta’, ‘Laranja amarga e doce’, ‘Carta de longe’ ou a controversa ‘Tourada’, que, em 1973, apesar de muitos a terem entendido como uma provocação, acabaria por valer a Tordo a vitória no Festival RTP da Canção. Cada canção encerra uma

história, e esta é mais uma que o músico promete contar de fio a pavio no espetáculo que traz ao Funchal.

“Eu vou contar essa história, explicar como foi feita, de uma ponta à outra. Há muitos anos que a ‘Tourada’ deixou de ser uma canção. A ‘Tourada’ é um momento, um momento muito especial da nossa história, e é uma honra para mim tê-lo vivido, ser um dos ‘culpados’. Havia um desejo muito grande de alterar aquilo que estava mal, em toda a parte. É uma canção que, sem qualquer espécie de ofensa, utilizando apenas essa terminologia, faz um enfoque nessa sociedade que vai apodrecendo lentamente. Ainda hoje penso: como é que é possível que a canção se tenha tornado interminável, ao ponto de, 45 anos depois, continuarmos a falar dela...”

Este é o caso em que a criação surpreende e intriga o próprio criador, sobretudo quando o olhar se desvia até lá atrás e abarca todo o contexto da época. “Antes e depois do 25 de Abril, eu e o Ary dos Santos fizemos muita coisa. Fomos sempre acompanhados esse transcorrer da

vida, em particular após um acontecimento que nos mudou por inteiro. E, muitas vezes, pergunto-me como é que conseguimos acompanhar tudo aquilo com sentimento, com tanta luta e paixão, e também com muita graça. É um ponto muito interessante da nossa atividade, a variedade de coisas que criámos. Como foi possível dois indivíduos terem aquela disponibilidade, o peito tão aberto para fazer estas canções tão diferentes umas das outras. Ninguém acredita que muitas delas foram feitas no mesmo dia [riso]. A nossa atividade foi realmente muito original. E particularmente bela”.

Durante os anos em que viveram e trabalharam juntos, Tordo e Ary dos Santos nunca se zangaram. A falta de tempo e a invulgar empatia entre ambos talvez justifiquem a

tranquilidade com que se davam. Fernando Tordo acredita que as canções eram uma espécie de elemento absorvente. Música e letra aniquilavam qualquer mal-estar. “Nunca nos zangámos. As nossas conversas eram canções, fazíamos mais canções do que conversávamos, e isso será perceptível no espetáculo. Eu e o Ary éramos almas gémeas, duas pessoas que entravam o seu raciocínio com muita facilidade, muita velocidade e muita qualidade, porque não dizê-lo?”.

Ary dos Santos morreu aos 48 anos, deixando um legado que se sobrepõe ao escasso tempo que viveu, provando que o tempo pode, afinal, contar bem mais do que aquilo que contabiliza. A isso chama-se intensidade. “Vivemos intensamente o nosso tempo, foi um tempo muito especial do nosso país. O Ary dos Santos morreu muito jovem, foi alguém que deixou ficar um espaço aberto, ele era o tipo de pessoa que faz muita falta ao nosso país, nem tanto pelas canções, mas pela presença, pela palavra, pelo comportamento, pela coragem, pelo talento. É lamentável que tenha desaparecido tão cedo. Porém, conseguiu deixar obra suficiente para que se possa fazer aquilo a que o público poderá assistir no concerto”.



Eu e o Ary dos Santos éramos almas gémeas, duas pessoas que entrosavam o seu raciocínio com muita facilidade, muita velocidade e muita qualidade, porque não dizê-lo?



Espectáculo realiza-se no próximo sábado, às 21h00. Os bilhetes custam cinco euros.